

NOTAS SOBRE A FECUNDIDADE DO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO MARXISTA PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Adair Umberto Simonato Junior¹

RESUMO

O texto tem como objetivo trazer contribuições do referencial teórico-metodológico marxista para a pesquisa em educação. Para isso, ficam demonstrados os determinantes ontológicos do complexo educacional, explícitos pela teoria social marxista, ou seja, seus condicionantes com a materialidade histórico-social. Em seguida, o texto aborda a categoria da totalidade como constituinte da realidade concreta e o modo como a mesma contribui decisivamente para pesquisas que tem como objetivo demonstrar as articulações reflexivas entre as distintas esferas sociais, evitando, assim, abordagens parciais e fragmentárias da realidade. Por fim, fica estabelecido como o conceito de alienação nos quadros da sociabilidade capitalista, através da alienação do trabalho, também é um fundamental subsídio para as pesquisas que possuem como finalidade abordar as contradições da esfera educacional e da produção do conhecimento científico.

Palavras-chave: Educação; Método marxista; Pesquisa.

NOTES ON THE FRUITFULNESS OF THE MARXIST THEORETICAL-METHODOLOGICAL FRAMEWORK FOR RESEARCH IN EDUCATION

ABSTRACT

The text aims to contribute to educational research from a Marxist theoretical and methodological perspective. To this end, it demonstrates the ontological determinants of the educational complex, as explained by Marxist social theory, i.e., its conditioning factors in terms of historical and social materiality. Next, the text addresses the category of totality as a constituent of concrete reality and how it contributes decisively to research that aims to demonstrate the reflective articulations between different social spheres, thus avoiding partial and fragmentary approaches to reality. Finally, it is established how the concept of alienation in the context of capitalist sociability, through the alienation of labor, is also a fundamental contribution to research that aims to address the contradictions of the educational sphere and the production of scientific knowledge.

Keywords: Education; Marxist method; Research.

¹ Graduado e Mestre em Ciências Sociais pela UNESP (Campus de Marília-SP) e Membro do grupo de pesquisa “Intelectuais, Esquerdas e Movimentos Sociais”. Professor efetivo de Sociologia da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. E-mail: ajsimonato@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O poder do referencial teórico-metodológico marxista se delinea principalmente em três dimensões basilares que consideramos essenciais para a pesquisa dos fenômenos educacionais e, em particular, como contribuição para os programas de pós-graduação em educação. O primeiro grande contributo que a teoria marxista realizou durante o século XIX foi a nova e revolucionária teoria social criada através da crítica à filosofia hegeliana e da economia política inglesa. Através disso, Karl Marx e Friedrich Engels abriram caminho para uma compreensão materialista e histórica da formação humana e consecutivamente social, tendo a dialética como chave no entendimento de uma ontologia das relações sociais.

Ao elucidarem as bases sócio-históricas da formação humana também possibilitaram o entendimento dos fenômenos sociais como sendo resultantes dessa própria base, de tal sorte que, um objeto a ser investigado adquire uma racionalidade em meio à totalidade social, cujo condicionamento é fruto de determinadas relações sociais travadas materialmente no contexto de relações produtivas. Nesse sentido, a segunda grande contribuição a ser destacada aqui pelo referencial teórico-metodológico marxista, e que tem profundas relações com a esfera da educação, seria justamente o desenvolvimento de pesquisas que situem os fenômenos a serem investigados em meio ao contexto econômico e político de um determinado período, sua essência, delineando seus nexos causais internos em questão através da categoria da totalidade que conforma a realidade.

Por fim, a terceira dimensão que consideramos ser de essencial importância e que fora desenvolvida, como um conceito basilar, para entendermos as relações sociais no contexto do capitalismo e que tem desdobramento crucial para as investigações e pesquisas dos fenômenos educacionais em determinado contexto classista, é o conceito de alienação. Já que a sociabilidade regida pelo capital é alicerçada por meio de uma base produtiva específica – o trabalho alienado –, isso redunda e reflete na reprodução de outras esferas sociais que atuam em meio aos aspectos superestruturais da sociedade. Pensamos que esse conceito se mostra potencialmente importante para elucidarmos o aparelhamento do conjunto dos bens culturais, e em particular da educação formal e pública, pelas classes que dominam a reprodução do capitalismo historicamente constituído.

Com o propósito de demonstrar a contribuição que o referencial teórico-metodológico marxista possui para a pesquisa em educação, vamos, neste breve artigo, descrever o que consideramos ser as três dimensões fundamentais que aludimos acima, situando as potencialidades e os subsídios decisivos que o marxismo traz para a compreensão e pesquisa da esfera educacional.

TEORIA SOCIAL MARXISTA E ALGUNS DESDOBRAMENTOS PARA O CAMPO EDUCACIONAL²

A necessidade de situar os fenômenos sociais e consequentemente toda a produção humana através do materialismo histórico e dialético condiz com a constatação de Karl Marx e Friedrich Engels de que o campo da verdade interessava e interessava ao conjunto da classe que vive diretamente do trabalho. A desnaturação das relações sociais, bem como o tratamento de toda a produção humana não mais restrita às várias formas de justificação pseudo-históricas coloca toda a produção sócio-cultural e, em particular, a educação, nos sentidos amplos e restritos, como produto do fluxo histórico da humanidade. É nesse sentido que entendemos a grande contribuição primária do referencial teórico-metodológico marxista, pois,

a análise em questão tem como fio condutor o seguinte entendimento: o conexão dialético manifesto entre epistemologia e história, ou seja, a produção do conhecimento sempre está sujeita às contingências econômicas, políticas, sociais e culturais de sua época (Ferreira Júnior, 2013, p. 35).

Segundo Frederico (2009) é na viragem dos anos 1843-1844 que encontramos em Marx os determinantes teóricos que irão resultar nas origens de uma ontologia do ser social de característica humanista e dialético-materialista, cuja obra principal nesse período seminal são os *Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844* sendo completada em definitivo na *Ideologia Alemã*, em parceria com Engels. Ainda de acordo com Frederico (2009), é por meio da dissolução crítica do hegelianismo através da passagem pelo materialismo feuerbachiano e das primeiras críticas à

² Não vamos fazer no presente texto a distinção entre teoria marxiana e teoria marxista, pois nos referenciaremos tanto de alguns trabalhos clássicos de Marx e Engels como também de vários autores e pesquisadores que reinterpretam os seus escritos.

economia política inglesa é que Marx chega ao conceito de atividade representada pelo trabalho como transformação da natureza³.

A radicalidade do materialismo desenvolvido por Marx através do contato com a obra de Ludwig Feuerbach, o que possibilita sua ruptura com o idealismo hegeliano, está sintetizado nas *Teses sobre Feuerbach*. Particularmente na Tese I fica estabelecida a construção teórica como obra dos próprios sujeitos, entretanto não como edificação da atividade mental desenvolvida abstratamente e sim através da superação “como atividade humana sensível, como prática, não subjetivamente”. (Marx; Engels, 2009, p.118)⁴ Como consequência, duas conclusões adquirem notabilidade para a compreensão do caráter da atividade como salto ontológico para os seres humanos: primeira, a natureza torna-se extensão do mundo humano; segunda, ao mudar o mundo o homem muda suas condições de existência devido a própria natureza da relação sujeito-objeto alçada pelo permanente movimento da práxis histórica.

Essas brevíssimas considerações da passagem do idealismo objetivo hegeliano ao materialismo histórico-dialético nos auxiliam no entendimento do caráter da atividade humana acionada pelo complexo do trabalho, o que solidifica as bases para a compreensão das relações sociais de produção condicionadas por esse ato que adjetiva a espécie humana, distinguindo-a dos demais animais. É importante frisarmos como aponta Saviani (2007), que a existência humana, não sendo fruto da natureza, e sim produzida pelos próprios homens, formam estes no conjunto do processo histórico das várias etapas de transformação da natureza através do trabalho. A educação, nesse sentido, coincide com a própria criação do homem ao passo que ele necessita aprender e a repassar aquilo que objetivou historicamente. Trabalho, educação e, portanto, a linguagem são constructos estruturantes do ser social, sendo estas últimas esferas dependentes ontológicos da primeira.

O modo da atividade humana, isto é, a forma não passiva de transformar a realidade abre caminho para uma compreensão de uma teoria social materialista,

³ Lênin (1977) define “As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo” como sendo a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo utópico.

⁴ Somos cautelosos com afirmações segundo a qual Karl Marx realizou uma mera inversão da dialética hegeliana, como deixa entender Pacífico (2019). Isso só foi possível, segundo Mészáros (2006), pela incorporação do núcleo racional hegeliano ao sistema marxista, isto é, pela aproximação e sucessivo afastamento do materialismo dualista de Feuerbach, o que implica profundas ressignificações e superações do complexo categorial do idealismo objetivo hegeliano.

histórica e dialética, na medida em que a relação sujeito e objeto é realizada pela própria práxis na qual subjetividade e objetividade, espírito e matéria, consciência e realidade objetiva constituem-se unidades indissociáveis. Contudo, as objetivações humanas realizadas social e historicamente não se reduzem à atividade do trabalho e não se limitam ao círculo da esfera da produção material, se solidificando em outras formas de atividades e objetivações humanas advindas da própria complexidade histórica daquela atividade prioritária, o que coloca o caráter da práxis humana em uma totalidade universalmente articulada através de uma práxis sócio-histórica. “Baseada nas condições sociais estabelecidas na produção, nascem as formas de atividade especificamente sociais e suas esferas relativamente autônomas, tais como, por exemplo, a existência do Estado e suas instituições históricas” (Márkus, 1974, p.91).

É por meio dessa peculiaridade do mundo humano, criado e recriado pelo fluxo histórico da transformação ativa da natureza e o seu consequente desenvolvimento de relações de produção é que Karl Marx sintetiza o resultado de sua viragem ao materialismo histórico-dialético.

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para os meus estudos, pode ser formulado, resumidamente, assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; [...] A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual (Marx, 2008, p. 47).

O condicionamento da práxis social é especificado na educação como sendo uma atividade ontologicamente atribuída de uma dupla função. Ao mesmo tempo em que objetiva direcionar as ações dos indivíduos em meio à reprodução material e ideológica da sociedade realiza a mediação da apropriação, por aqueles, da experiência genérica cristalizada e acumulada historicamente (Macário, 2005). Assim, a esfera da educação, em seus sentidos amplos e restritos, informais e formais, guarda em-si os reflexos de um determinado período histórico, mas que são particularizados devido a sua função para a reprodução e para o *continuum* social.

Ainda cabe destacar que a educação por ser uma esfera relativamente autônoma não reflete os condicionantes materiais de modo mecânico, ou como se

fosse um mero espelho das relações de produção travadas materialmente. Dependendo do contexto das lutas políticas, em meio às disputas classistas, o complexo educacional pode servir para processos emancipatórios ou para conservar a exploração do contingente populacional que vive do trabalho. Desse modo, analisando as teorias da educação, Saviani (2008) enfatiza os limites das chamadas “Teorias Crítico-Reprodutivistas”, as quais consideram o papel da educação formal como mera reproduutora de um determinado *status-quo*, limitando assim as potencialidades e contribuições que a socialização do conhecimento em suas formas mais elaboradas poderia trazer para possíveis processos emancipatórios.

Deste modo, as pesquisas em educação orientadas no interior do quadro do referencial teoria-metodológico marxista possuem como pressuposto a dependência da produção epistemológica e educacional mediante as determinações ontológicas da materialidade social, na dinâmica da luta de classes.

COMPLEXO CATEGORIAL E A PESQUISA

Pode-se depreender até essa altura do texto que o complexo da educação, então, não é algo autônomo, mas que carrega em-si características próprias no ser social. E, também, as pesquisas que pretendem analisar o fenômeno educacional por meio do referencial teórico-metodológico marxista, nos sentidos amplos e restritos, necessitam aborda-lo através de uma totalidade social a qual pressupõe as características materiais, históricas e políticas de um determinado modo de produção como aludimos acima. É nesse sentido, que Dermeval Saviani na apresentação do seu livro *Pedagogia histórico-crítica* explicita o seu aparato metodológico como guiado pelo conceito de “modo de produção”. Enfatiza que a pesquisa da educação pauta-se no modo,

Como as mudanças das formas de produção da existência humana foram gerando historicamente novas formas de educação, as quais, por sua vez, exerceram influxo sobre o processo de transformação do modo de produção correspondente (Saviani, 2013, p. 2).

O método desenvolvido por Karl Marx não é resultante de abstrações ahistóricas que derivam em produções de tipos ideais.⁵ Antes, a análise histórica e concreta dos fenômenos sociais em meio à práxis social mobiliza categorias ontológicas que fundamentam as sociedades em suas diversas manifestações históricas. A totalidade, categoria chave do referencial teórico-metodológico marxista, adquire racionalidade por meio da investigação dos fenômenos a serem expressados através da mediação da particularidade. Essa articulação categorial nas pesquisas dos fenômenos educacionais e das chamadas ciências humanas torna-se evidente e necessária para a eliminação daquilo que Kosik (1976) denominou de *pseudoconcreticidade*. Na imediatez da práxis cotidiana tendemos a isolar nosso pensamento aos acontecimentos singulares, localizados ou meramente articulados em operações práticas, desvinculando nossas ações dos acontecimentos universais.

A categoria da totalidade interessa sobretudo aos pesquisadores que possuem o compromisso em demonstrar o complexo de contradições que permeiam as distintas formações sócio-culturais circunscritas e regidas pela lógica do capital, principalmente as dependentes como a brasileira que refletem interna e externamente os graus de reprodução do atual modo de produção. Levando em consideração que guiar-se por meio da totalidade social não significa apreender um mero acúmulo dos fatos, mas sim como partes estruturais de um todo dialético, como afirmou Kosik (1976): uma pesquisa que objetive investigar as características educacionais de um determinado Estado, sua educação formal historicamente desenvolvida em seus diversos momentos, necessita pressupor a necessidade histórica da universalidade dessa esfera educacional vinculada ao desenvolvimento do capitalismo.⁶ Nesse sentido, a “determinação interna do momento pelo todo só é possível e explicável pelo fato de que os momentos não existem nessa totalidade de modo puramente contingente; ao contrário, representam funções necessárias de um processo que

⁵ Netto (2011), tendo isso em mente, salienta que Marx raríssimas vezes em suas obras se deteve explicitamente sobre a questão do desenvolvimento metodológico. Também afirma que o método desenvolvido por Marx não é um conjunto de regras formais que se aplicam, e sim é a reprodução teórica da dinâmica do próprio objeto a ser investigado.

⁶ A complexificação das relações sociais no capitalismo reclama um novo e único patamar educacional, baseado principalmente no esfacelamento dos laços naturais de sociedades anteriores e da necessidade de socializar noções básicas de conhecimento formal, convivência urbana e civil. Obviamente, e por se tratar de uma sociedade de classes, os sistemas nacionais de ensino massificados pelo capital vão atuar por meio da disputa ferrenha na orientação curricular no âmbito ideológico, fomentando teleologicamente subjetividades adequadas à lógica do liberalismo.

exibe uma determinada estrutura, uma ordem determinada e que dispõe de legalidade" (Kofler, 2010, p. 74).

Como afirma Netto (2011), a sociedade burguesa para Marx é uma totalidade concreta, isto é, um todo estruturado e articulado entre si através de mediações de outros complexos e esferas com práticas sociais constituídas por outras totalidades com legalidades e características próprias. É interessante destacar ainda, devido ao complexo educacional se apresentar por meio de uma totalidade que comporta em-si especificidades e subordinações em relação à totalidade inclusiva que se expressa através da prática sócio-histórica e que se concretizam em determinado modo de produção, aquilo que Lukács (2013) denominou de *complexos de complexos*, que uma questão crucial no processo investigativo é descobrir as relações e as mediações ocorrentes entre os complexos sociais, com as suas diversidades, e a totalidade inclusiva da sociedade capitalista⁷.

Nesse sentido, a pesquisa da esfera educacional, principalmente em suas vertentes formais, não fica subsumida à determinações mecânicas guardando em si suas especificidades objetivas que dizem respeito ao caráter de suas atividades no processo de reprodução social. É por meio dessa razão que identificar as peculiaridades de cada complexo social, o objeto, é de suma importância para entender suas funções no interior do tecido social e sua independência relativa evitando, assim, interpretações dualistas da realidade, que hora privilegiam determinações irrestritas e hora redundam em subjetivismos que fortalecem as narrativas liberais e neoliberais.

As mediações que são necessárias para tornar a reprodução pelas ideias da realidade a ser investigada/pesquisada, isto é, o modo como os complexos sociais formam um conjunto unitário pelo ser social é elucidado pela particularidade que une as expressões singulares aos aspectos universais de um determinado complexo social, como a educação, e este a uma totalidade mais inclusiva. Uma sala de aula, por exemplo, é única, porém por ser sala de aula possui identificação com outras, mas uma identidade negativa. Ao notarmos que estas mesmas salas fazem parte de uma

⁷ "Nenhum marxista duvida que, na vida social, a delimitação mais importante de uma época – aquela que se apresenta como um todo em relação às outras – se encontra no regime social estruturado pelas relações de produção. A clareza desta delimitação é tão nítida que nem a ciência burguesa pôde deixar de reconhecê-la tacitamente, ainda que por razões compreensíveis resista a extrair dela consequências metodológicas concretas. É fácil verificar que todo regime social pode subordinar-se a uma totalidade mais geral: a história universal" (Kofler, 2010, p. 56-57).

rede de ensino de um Estado podemos identificar a particularidade que as une em meio a uma universalidade histórica, social e política.

Todo objeto é, ao mesmo tempo, singular, particular e universal. A própria natureza nos mostra isso. Não há nenhuma folha de árvore que seja absolutamente idêntica a outra. Cada folha é única, portanto diferente de todas as outras. Apesar disso, nenhuma folha é absolutamente diferente das outras. O próprio fato de denominarmos todas as folhas “folha” implica que todas elas tem algo que as identifique. São idênticas, mas, ao mesmo tempo, diferentes. E se agregarmos a isso o fato de serem folhas de determinado tipo de árvore, digamos de coqueiro, então teremos a particularidade que as une (Tonet, 2013. p. 113).

A pesquisa, então, seria um afastamento paulatino dos fenômenos meramente singulares observados no e pela prática cotidiana, bem como das abstrações generalizantes e indeterminadas, como por exemplo a definição do que é educação. Identificar a particularidade de um objeto é evidenciar suas conexões como uma “síntese de múltiplas determinações” e em sua concreção mais desenvolvida.

Por sua vez, a essência do fenômeno na sua forma mais desenvolvida não se apresenta ao pesquisador de forma imediata, mas sim de maneira mediatisada e essa mediação é realizada pelo processo de análise, o qual trabalha com abstrações (Duarte, 2000, p. 84)⁸.

Determinadas considerações metodológicas que basicamente necessitam fazer parte do núcleo do referencial teórico-metodológico marxista, não obstante, encontram obstáculos para o seu desenvolvimento em sociedades divididas em classes sociais como a atual. A alienação que recobre o tecido social da sociabilidade burguesa impõe duras barreiras ao acesso ao conhecimento em suas vertentes mais elaboradas e, consequentemente, fetichiza posturas metodológicas que privilegiam a subjetividade em detrimento da objetividade das relações sociais.

⁸ A totalidade concreta como processo de síntese realizado pelo pensamento foi descrito por Marx (2008) na sua *Introdução à contribuição à crítica da economia política* de 1859. Nesse texto aponta sinteticamente como deve suceder o “método da Economia Política”, indo das “representações caóticas do todo” até as “determinações mais simples”. Depois deve-se realizar “a viagem de modo inverso” constituindo assim pelo processo de abstração e análise “uma rica totalidade de determinações e relações diversas”.

A EDUCAÇÃO E O FENÔMENO DA ALIENAÇÃO

Ao fazer considerações “Sobre a natureza e a especificidade da educação” e a peculiarmente do trabalho educativo Dermeval Saviani nos indica o papel da educação, sua função, e em contrapartida nos auxilia a inferir como o fenômeno da alienação pode descharacterizar e atuar de modo a criar barreiras ao desenvolvimento das individualidades, pois “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” (Saviani, 2013, p. 13) Nesse sentido, como a atividade educativa e a socialização do conhecimento em suas formas mais desenvolvidas, no trabalho escolar, ficariam afetadas pela alienação provocada pela reprodução sócio-histórica do capitalismo e como a pesquisa em educação possui no conceito de alienação um aliado determinante do referencial teórico-metodológico marxista?⁹

É importante destacar que vários autores já trataram sobre o tema da alienação em Marx, como Netto (1981), Mészáros (2006), Konder (2009), Lukács (2007), Lessa e Tonet (2011) e Duarte (2013). Também é salutar apontar que todas essas obras possuem como ponto de análise *Os manuscritos econômico-filosóficos de 1944* ou *Manuscritos de Paris*, obra na qual Karl Marx define as características da atividade humana enquanto objetivação e entificação do gênero humano e sua consequente alienação no contexto do trabalho assalariado que rebate no âmbito das subjetividades e em outras esferas sociais.

Mészáros (2006) aponta que as modernas teorias da alienação surgiram no pensamento europeu muitos séculos atrás, ou seja, que o tratamento teórico do tema alienação possui um passado que não se resume aos escritos desenvolvidos por Karl Marx principalmente em sua obra juvenil.¹⁰ Entretanto, existe uma

⁹ Cabe ressaltar que o conceito de alienação não é em-si uma categoria estritamente metodológica nos quadros do marxismo, porém é um componente fundamental, em nossa interpretação, para as pesquisas na área das humanidades e, em específico, no campo educacional. Ademais, é parte essencial dos escritos juvenis de Karl Marx os quais definiu as características da afirmação e consequente negação do gênero humano nas fronteiras da estruturação e reprodução das relações de produção capitalistas. Para isso ver Lukács (2007), especificamente o capítulo IV.

¹⁰ “Para Marx e Engels, a alienação é um processo social muito peculiar. Ele já está presente na comunidade primitiva, mas será com o surgimento das sociedades de classe, com a divisão social do trabalho, que se manifesta na sua forma mais plena. É através da alienação que as forças humanas, que são sempre forças dos próprios homens e não da natureza ou de entidades sobrenaturais, se tornam estranhas, poderosas, hostis e dominadoras da vida humana. Nas sociedades primitivas, a

especificidade histórica que Marx conferiu à temática da alienação condizente com as profundas mudanças sociais provocadas pelas relações de produção capitalistas. A passagem do modo de produção feudal ao modo de produção capitalista transformou o trabalho ligado à terra enquanto produtor de valor decompondo-o em trabalho abstrato, através da consequente alienação da terra¹¹. Aquilo que Mészáros (2006) caracterizou como passagem “da alienação política à alienação econômica” é a peculiaridade da alienação nos quadros da sociabilidade capitalista, que não é mais definida por relações pessoais de proximidade e, sim, pela abstração das relações econômicas na condição do assalariamento.

Duarte (2013), ao analisar a contradição entre humanização e alienação no capitalismo, põe em relevo a necessidade da dialética da positividade e negatividade da alienação econômica, oriunda da universalização das relações sociais capitalistas e que possibilitou aos indivíduos uma mudança qualitativa considerável, isto é, as condições sociais dos indivíduos não estão mais demarcadas por uma certa indissolubilidade com a comunidade local e sim com relações puramente sociais. “Mas a contradição reside em que essas relações sociais são postas ao indivíduo como fenômenos que tem vida própria, que tem um poder próprio sobre a vida das pessoas e sobre os rumos da sociedade” (Duarte, 2013, p. 81).

A condição de assalariamento posta como necessidade histórica pelo capitalismo cristalizou o fenômeno da alienação como algo ontológico nas relações de produção capitalistas, sendo que a circunstância sócio-histórica descrita brevemente acima possui como dialética a consequente reprodução do trabalho alienado. Marx (2004) evidencia os tipos de alienação e os seus predicados que possuem como base, e ato fundante, o modo como a atividade produtiva é realizada no capitalismo, uma vez que o trabalhador produz um objeto que se separa dele e lhe defronta como um ser estranho, uma coisa. Ao mesmo tempo em que o trabalhador se aliena do seu objeto produzido ele não se sente realizado na sua atividade mesma,

alienação atua principalmente nas concepções de mundo que depositam nas forças sobrenaturais (espíritos, animismo, deuses etc.) a capacidade de fazer a história que, sabemos hoje, é puramente humana” (Lessa; Tonet, 2011, p. 89-90).

¹¹ “[...] que a dominação do proprietário apareça como pura dominação da propriedade privada, do capital, dissociado de toda coloração política; que a relação entre proprietário e trabalhador se reduza à relação nacional-econômica de explorador e explorado; que toda a relação pessoal do proprietário com sua propriedade termine, e está se torne, ela mesma, apenas riqueza material *coisa*. [...].” (Marx, 2004, p. 75 grifo do autor)

pois essa se volta contra ele tornando-o impotente na realização de atividades significativas.

Disso se desdobra o terceiro aspecto apontado por Marx em relação à alienação capitalista, que é a alienação com a sua vida genérica. A genericidade humana encontra-se justamente no fato de que os seres humanos transformam a natureza inorgânica de modo universal, ou seja, para além das necessidades imediatas dos demais animais, constituindo-se pela sua plasticidade sócio-histórica como herança material e espiritual da humanidade. “Uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o *estranhamento do homem* pelo próprio *homem*.” (Marx, 2004, p. 86 grifos do autor) A práxis social sendo mediada pelas relações travadas cotidiana e historicamente pelos seres humanos é atravessada pela contradição, pois “aferida pela verdadeira natureza social do homem, comunitária, a sociedade alienada mostra-se como a inversão de todas as relações sociais: a realização do ser social é a sua perdição, a vida é o sacrifício da vida, [...]” (Netto, 1981, p. 58).

A educação por ser um complexo social eminentemente mediador vai refletir de modo contraditório a universalização das relações sociais e, da genericidade humana, potencializada pelo capitalismo.

No que concerne à educação, na forma assumida na sociabilidade capitalista, sendo ela uma práxis social, também apresenta um caráter contraditório, embora extremamente unitário. Ao mediar a reprodução social do sistema do capital, a educação favorece a construção genérica do homem (uma vez que contribui para a continuidade social e, por isso, para a ampliação do gênero humano), mas, ao mesmo tempo, contribui para a edificação do homem estranhado. [...] Disso depreende-se que o processo de universalização da educação formal escolar, amplia, tanto horizontalmente quanto verticalmente, as condições de auto-realização ativa e positiva dos homens. Entretanto, em proporção direta, submete, com maior intensidade, mais pessoas ao peso da alienação realizada pela escola (Maceno, 2019, p. 63).

Esse processo alienante atua pela totalidade social, tanto na esfera informal da educação como na formal. Nessa última, via instituições de ensino, encontram-se os conhecimentos científicos em suas expressões mais elaboradas que transcendem o conhecimento informal pela sua objetividade e complexidade, isto é, um acúmulo propiciado pelo gênero humano. A massificação da educação formal retratada como igualdade jurídica não se concretiza pela socialização do conhecimento em suas expressões mais elaboradas, pois atua por meio da

reprodução classista da sociedade burguesa subsumindo as relações sociais à reprodução privada e alienada dos bens sociais produzidos coletivamente. É nesse sentido que consiste a força do conceito de alienação desenvolvido por Marx para as pesquisas em educação, uma vez que tal fenômeno revela as expressões objetivas e subjetivas da alienação do gênero humano e do homem pelo próprio homem, testemunhado pelo individualismo burguês.

A pesquisa em educação no cenário do referencial teórico-metodológico marxista, nos seus mais variados campos e departamentos, se depara com a problemática da alienação em uma duplo sentido. Assim, ao mesmo tempo em que o fenômeno da alienação atua como um importante elemento para o entendimento da monopolização e a não socialização do conhecimento pelas classes dominantes o mesmo atua como um obstáculo ao avanço das próprias pesquisas em educação que não possuem como centralidade metodológica a categoria da totalidade.

Dada a divisão da sociedade em classes, a consciência se vê premida por duas exigências de ordem diversa: de um lado, ela experimenta a necessidade de conhecer o real tal como ele é, para poder proporcionar um aprofundamento do domínio humano sobre a realidade para melhor assegurar a vida e a afirmação do homem; por outro lado, a consciência parte de uma *situação de desunião institucionalizada entre os homens*. E é em contrapartida, no atendimento à primeira exigência por outra exigência, esta ligada a poderosa carga de *interesses particulares estratificados que não se beneficiam da máxima compreensão possível do real em um momento dado* (Konder, 2009. p. 102 grifos do autor).

A alienação, nesse sentido, representa uma característica elementar do modo de produção capitalista determinada e desvelada pela própria teoria social marxista, ao mesmo tempo em que atua através de pesquisas que se reproduzem nos limites da reificação social, cujo objetivo é promover a adaptabilidade subjetiva à reprodução liberal e neoliberal¹².

¹² “O que especifica historicamente a sociedade burguesa constituída é que ela, sem cortar com as formas alienadas que vêm das sociedades que a precederam (bem como com o essencial de seu fundamento econômico social real), instaura processos alienantes particulares, aqueles postos pelo fetichismo, e que redundam em formas alienadas específicas, as reificadas” (Netto, 1981, p. 76).

CONCLUSÃO

Com as notas que desenvolvemos anteriormente demonstramos que a esfera da educação não faz parte de uma práxis autônoma, antes está inserida ontologicamente em fenômenos históricos, sociais e políticos. Ademais, as pesquisas que possuem o compromisso em desvelar as contradições do fenômeno educativo em meio a reprodução liberal e neoliberal, necessariamente, tem que estar vinculada ao arcabouço teórico-metodológico marxista, através da articulação do materialismo histórico-dialético e a centralidade da categoria da totalidade. Por último, o conceito de alienação na educação permeia os reflexos das características do trabalho na sociedade capitalista e vinculam a problemática da socialização do conhecimento.

A importância de contribuir para as pesquisas em educação por meio da crítica marxista é evidenciar o papel da educação para a reprodução das desigualdades de classe e, também, ratificar as suas potencialidade e limites para a emancipação humana. Isolar a esfera da educação de sua totalidade mais inclusiva é produzir posturas idealistas, colaborando para desvincular os seus condicionamentos materiais e, por conseguinte, econômicos. Na quadra atual de profundos ataques e reformas educacionais desvelar os condicionante histórico-concretos da esfera da educação é fundamental para que a própria pesquisa em educação sobreviva fora e dentro das universidades.

REFERÊNCIAS

- DERMEVAL, S. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11^a ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2013.
- DERMEVAL, S. **Escola e democracia**. Ed. Comemorativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- DERMEVAL, S. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34 jan./abr. 2007
- DUARTE, N. **A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013
- DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, Julho/00
- FERREIRA JR, A. A influência do marxismo na pesquisa em educação brasileira. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 49, p.35-44, mar-2013.
- FREDERICO, C. **O jovem Marx (as origens da ontologia do ser social)**. 2^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- KOFLER, L. **História e dialética: Estudos sobre a metodologia da dialética marxista**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- KONDER, L. **Marxismo e Alienação**. 2^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: 2^a Ed. Paz e Terra, 1976.
- LÊNIN, V. I. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. Edições Progresso Lisboa – Moscovo, 1977.
- LESSA, S; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 2^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social (v.II)**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, G. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- MACÁRIO, M. **Trabalho, reprodução social e educação**. Tese de doutorado defendida junto à Faculdade de Educação da UFCe, 2005.
- MACENO, T. E. **A impossibilidade da universalização da educação**. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.
- MÁRKUS, G. **A teoria do conhecimento no jovem Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2006.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, J. P. **Capitalismo e reificação.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

PACÍFICO, M. Materialismo histórico-dialético: gênese e sentidos do método. **Argumentos**, ano 11, n. 21 - Fortaleza, jan./jun. 2019.

TONET, I. **Método científico uma abordagem ontológica.** São Paulo, Instituto Lukács, 2013.